

Formação de professores e difusão da Abordagem Triangular no Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

José Minerini Neto 

(Arteeducação Produções — AEP, São Paulo/SP, Brasil)

Ana Amália Tavares Bastos Barbosa 

(Arteeducação Produções — AEP, São Paulo/SP, Brasil)

Beatriz Ribeiro Correa 

(Pesquisadora independente)

RESUMO — Formação de professores e difusão da Abordagem Triangular no Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo — A Abordagem Triangular foi publicada por Ana Mae Barbosa, em 1991, no livro *A Imagem no Ensino da Arte*. Quando o livro estava prestes a completar 10 anos de seu lançamento, foi ofertado para professores e educadores da cultura o curso de aperfeiçoamento “Aprendizagem da Arte e Cultura Contemporânea”, no Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, NACE-NUPAE. Agora, ao completar 30 anos dessa publicação, reúnem-se, neste artigo: uma professora desse curso e um aluno da primeira turma, que fazem suas análises sobre aulas e atividades, mediados por Beatriz Ribeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Arte/Educação. Abordagem Triangular. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT — Teacher training and dissemination of the Triangular Approach at the Center for Support to Culture and Extension in the Promotion of Art in Education at the School of Communications and Arts at the University of São Paulo — The Triangular Approach was published by Ana Mae Barbosa, in 1991, in the book *A Imagem no Ensino da Arte*. When the book was about to celebrate 10 years of its release, the improvement course “Learning in Contemporary Art and Culture” was offered to cultural teachers and educators at the Center for Support to Culture and Extension in the Promotion of Art in Education, at School of Communications and Arts at the University of São Paulo, NACE-NUPAE. Now, on completing 30 years of this publication, this article brings together: a teacher of this course and a student of the first class, who make their analyzes about classes and activities, mediated by Beatriz Ribeiro.

KEYWORDS

Art Education, Triangular Approach. Teaching. Learning.

RESUMEN — Formación de docentes y difusión del Enfoque Triangular en el Centro de Apoyo a la Cultura y Extensión en la Promoción del Arte en la Educación de la Facultad de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo — El Enfoque Triangular fue publicado por Ana Mae Barbosa, en 1991, en el libro *A Imagem no Ensino da Arte*. Cuando el libro estaba por cumplir 10 años de su publicación, se ofreció el curso de perfeccionamiento “Aprendiendo en Arte y Cultura Contemporânea” a docentes y educadores culturales en el Centro de Apoyo a la Cultura y Extensión en la Promoción del Arte en la Educación, en Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de São Paulo, NACE-NUPAE. Ahora, al cumplirse 30 años de esta publicación, este artículo reúne: una docente de este curso y un alumno de la primera clase, quienes hacen sus análisis sobre clases y actividades, mediadas por Beatriz Ribeiro.

PALABRAS-CLAVE

Educación Artística. Enfoque Triangular. Enseñando. Aprendizaje.

O Curso de Aperfeiçoamento do NACE-NUPAE

O NACE-NUPAE vem oferecendo curso de especialização em arte e educação desde a década de 1980. O professor e pesquisador Guilherme Nakashato o analisou em tese de doutorado. Entretanto, seus primórdios ainda merecem maiores pesquisas.

O curso teve várias denominações oficiais ao longo do tempo. Curso de Especialização de Arte na Educação I e II, de 1984 a 1987; Curso de Especialização em Arte Educação I e II, de 1988 a 1989; Curso de Especialização em Arte-Educação, de 1990 a 1998, e Curso de Especialização em Ensino, Arte e Cultura, quando passou a ser exclusivamente administrado pelo Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação (NACE-NUPAE) da ECA/USP, de 1999 a 2001. Contudo, o curso ficou amplamente conhecido pela denominação de Curso de Especialização em Arte Educação da ECA [...]. (NAKASHATO, 2017, p. 27-28)

Ana Mae Barbosa informa que o NACE-NUPAE surgiu no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP e passou a abrigar o curso de especialização e a propor outras atividades, dentre elas, o curso de Aperfeiçoamento, ofertado entre 2000 e 2002. Com duração de 180 horas, formou cinco turmas, que assistiram aulas distribuídas de acordo com a Abordagem Triangular. O relatório das atividades realizadas entre 1999 e 2001 pontuou que:

[...] os cursos oferecidos pelo NACE-NUPAE buscam complementar o ensino de graduação e propiciar subsídios para a formação de novos pesquisadores em nível de pós-graduação. O Curso de Aperfeiçoamento com duração de quatro meses, por exemplo, é oferecido pelo NACE-NUPAE a professores das redes pública e privada, assim como a educadores da área cultural. O curso estrutura-se e fundamenta-se na Abordagem Triangular, tendo assim três componentes: o fazer artístico, a leitura da imagem e o repensar o ensino da arte que se interligam e se aprofundam na contextualização histórica e cultural. (NACE-NUPAE, 2001, p. 10)

Claramente centrado na formação de professores e pesquisadores, analisando, refletindo e propondo ações educativas na área das artes, o Curso de Aperfeiçoamento formou cinco turmas. Ana Mae se referiu ao curso do seguinte modo:

Quando me aposentei eu resolvi experimentar a Proposta Triangular¹ na formação do professor. Porque a essa altura, 1995 [...] não havia nenhum curso de formação de professores que intentara fazer alguma coisa paralela, referente a como vão ensinar. Se vão ensinar através de ver, de fazer e de contextualizar, que tal aprender através do ver, do fazer e do contextualizar? Entendeu? Essa era a minha pergunta. Porque não faz algo homólogo, e foi quando surgiu então a ideia desses cursos. Eu convidei primeiro Ana Amália para o fazer e Rejane (Coutinho) para a contextualização pedagógica [...]. E para a leitura da obra de arte eu convidei Carlos Fernando Nogueira que é uma pessoa que eu convivi desde criança e que foi aluno da ECA, [...] (e) de Arquitetura da USP. Então, eu me preocupei que os três tivessem uma base comum, e a base comum era a ECA. Ana Amália estava terminando o mestrado, Rejane terminando o doutorado e Carlos Fernando havia sido aluno de graduação. Então eu me apoiei um pouco nisso e na relação comigo, todos eles com uma relação muito estreita comigo, e que eu poderia então facilmente lidar, não teria necessidade de estar marcando reuniões formais com eles. Resolvia através de e-mail com eles, resolvia através de jantares: “Vamos jantar juntos e ali resolveremos.” Confesso que penso muito na informalidade também entre nós, a relação entre eles era grande, enorme entre Rejane e Ana Amália que já trabalhavam e estudavam juntas; enorme entre Ana Amália e Carlos Fernando, que se conhecem desde pequenos, foram desenvolvidos culturalmente juntos, e os três comigo”. (BARBOSA, 2007, p.362)

Todas as aulas aconteciam às segundas-feiras, dia da semana em que os museus tradicionalmente estão fechados, o que possibilitava a presença de educadores, culturais e de museu, no curso. A primeira aula começava sempre às 13h30 e era ‘o fazer artístico’, com Ana Amália. Na sequência, acontecia a aula de Rejane, que contextualizava historicamente o ensino da arte no Brasil. Por fim, Carlos Fernando iniciava sua aula às 19h com proposições de leituras de imagem que iam até 21h.

EMENTA

De acordo com o programa do curso as disciplinas foram definidas do seguinte modo:

1. Poéticas Visuais (Fazer Artístico):

A disciplina tem por finalidade que os alunos desenvolvam a construção de uma poética visual pessoal através da experimentação plástica e do contato com a obra de artistas contemporâneos e modernos.

2. Leituras da Obra de Arte e Interpretações do Campo de Sentido da Arte:

O curso tratará por meio de uma série de temas, buscar identificar alguns elementos que auxiliarão nas diferentes e possíveis abordagens e reflexões para a leitura da obra de arte. Estas análises partirão de exemplos de obras de artistas brasileiros e internacionais de arte moderna e contemporânea. Discutindo questões, tais como: a atitude irreverente e crítica marcante do movimento antropofágico, a crescente internacionalização da arte brasileira. Multiculturalidade e discussão de outros temas que são universais.

3. Os Contextos da Aprendizagem da Arte: metodologias, transversalidade e interdisciplinaridade:

A disciplina pretende discutir as principais abordagens de ensino/aprendizagem de Arte, analisando e avaliando as concepções educacionais, artísticas e estéticas que as fundamentam, visando uma atualização reflexiva do professor. (NACE-NUPAE, 2000, s/p)

A seguir está o programa das aulas de Ana Amália:

Aula 01 - 13 de março de 2000 – Apresentação da proposta e organização dos materiais e combinados sobre o funcionamento da disciplina Prática Artística.

Aula 02 – 20 de março de 2000 – Representação gráfica de um objeto em diferentes posições.

Aula 03 – 27 de março de 2000 – Colcha de retalhos (atividade coletiva).

Aula 04 – 03 de abril de 2000 – Oito desenhos registrados no decorrer da semana; desenho de memória.

Aula 05 – 10 de abril de 2000 – Desenho de observação: estudos formais – a linha.

Aula 06 – 17 de abril de 2000 – Trabalho coletivo a partir das obras e Joan Miró, Piet Mondrian e João Cabral de Melo Neto.

Aula 07 – 24 de abril de 2000 – Releitura.

Aula 08 – 08 de maio de 2000 – Releitura da releitura.

Aula 09 – 15 de maio de 2000 - Faça o que quiser (proposta modernista de livre expressão).

Aula 10 – 22 de maio de 2000 - Apropriação e reelaboração.

Aula 11 – 29 de maio de 2000 – Composição.

Aula 12 – 05 de junho de 2000 – Leitura de imagem.

Aula 13 – 12 de junho de 2000 – Desenho e observação.

Aula 14 – 19 de junho de 2000 – Reposição de aula sobre Contexto com Carlos Fernando.

Aula 15 – 26 de junho de 2000 – Filme Thomas Crown e organização da exposição coletiva final.

Aula 16 (extra) – 03 de julho de 2000 – Exposição coletiva final.

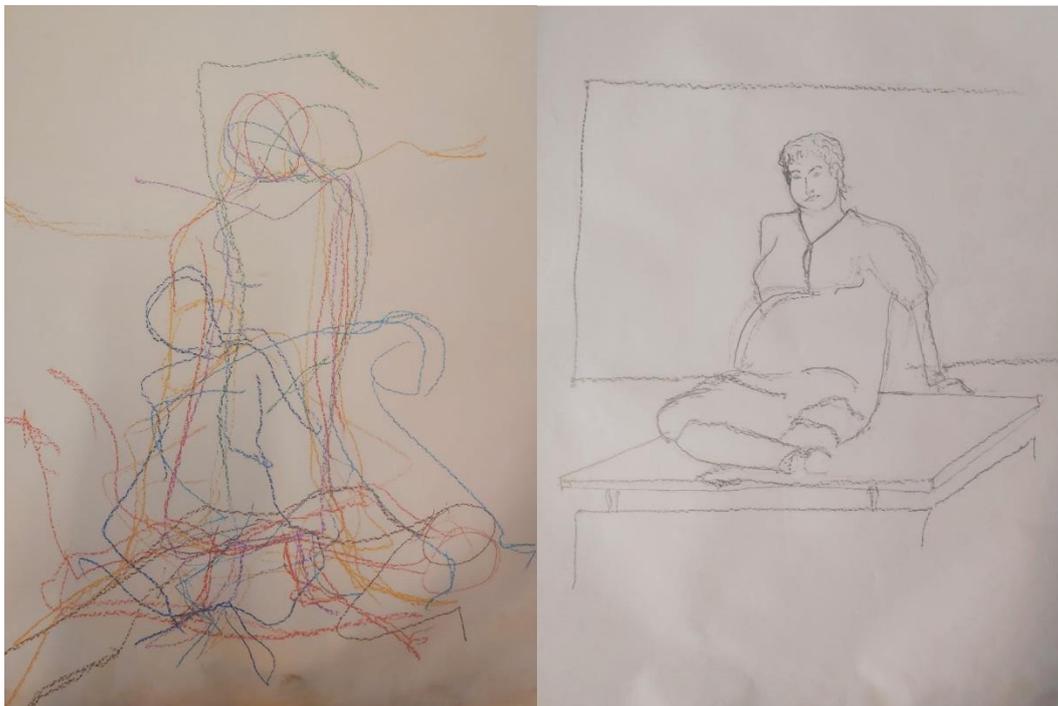
Com a palavra, a professora: a primeira turma

Quando penso nesse curso, chega a dar um quentinho no coração! Foi uma época muito boa e intensa, pois além de eu estar grávida, os alunos me impulsionavam a aprender cada vez mais. Foram cinco turmas, cada uma com sua

especificidade. A primeira foi inesquecível: por ser a primeira, por ter alunos como Adonay Donley e José Minerini Neto que, posteriormente, se uniram a mim no AEP - Arteducação Produções, e que exerceu a pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, ficando conosco por dois anos, sendo que a cada semestre eles mesmos produziam o conteúdo, mas o 'fazer' estava sempre presente².

Eu era responsável pelo eixo 'fazer' e o objetivo era levar os alunos a desenvolver uma poética pessoal. Eu começava com o desenho de observação e como eu precisava que o objeto observado mudasse de posição em intervalos cada vez menores, optei pela figura humana e comigo de modelo, assim eu aproveitava para quebrar o gelo e estabelecer uma relação professor aluno mais informal. Neto tem os desenhos dessa aula até o momento em que o chamei para posar comigo (Figuras 1 a 4).

Figuras 1 e 2 — Aula 05 – 10 de abril de 2000 – Desenho de observação: estudos formais – a linha



Fonte: Acervo de José Minerini Neto, lápis de cor e grafite sobre papel, 2000.

Figuras 3 e 4 — Aula 13 – 12 de junho de 2000 – Desenho e observação



Fonte: Acervo de José Minerini Neto, guache sobre papel, 2000.

Com a palavra o aluno: o ingresso no NACE-NUPAE

O colégio em que eu era professor de Educação Artística recebeu a divulgação do curso de Aperfeiçoamento Aprendizagem da Arte e Cultura Contemporânea (Figura 5), que seria ofertado no primeiro semestre de 2000.

Figura 5 — Carta de divulgação do curso de Aperfeiçoamento Aprendizagem da Arte e Cultura Contemporânea

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

eca

NÚCLEO DE APOIO A CULTURA E EXTENSÃO
EM PROMOÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Curso de Aperfeiçoamento: Primeiro Semestre de 2000

Aprendizagem da Arte e Cultura Contemporânea

Coordenação: Prof. Dr.ª Ana Mae Barbosa

Estrutura do Curso:

- Fazer Artístico
- Leitura da Obra de Arte
- Contextualização

Objetivo
O curso pretende desenvolver uma poética visual pessoal e estimular a capacidade de pensar sobre Arte, sua sintaxe, sua história e atemporalidade. Também serão discutidos pressupostos filosóficos / sociais da aprendizagem de arte, em diferentes contextos incluindo instituições de ensino formal e informal.

Carga horária = 180 horas/aula

Inscrições: De 18 a 29 de Fevereiro de 2000

Documentos para inscrição: Currículo, foto 3x4, xerox do certificado do curso médio ou superior em qualquer área.

Taxa de Inscrição: R\$ 10,00

Vagas = 35

Exame de Seleção: 01 de março de 2000 das 15:00 às 17:00 hs.
Redação sobre o tema: O que a Arte significa para mim e o que pode significar na escola.

Duração do curso: De Março a Junho de 2000

Valor da mensalidade: R\$ 90,00

Serão fornecidos certificados de aperfeiçoamento aos alunos que tiverem 70% de presença nas três disciplinas e uma média C nos trabalhos finais.

Dia do Curso: 2ª feiras das 13:30 às 21:00 hs.

Informações e inscrições: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues 443
Bloco C da ECA Sala 16 das 10:00 às 12:30 hs e das 13:30 às 16:30 hs.
Fone/Fax: 0XX - 11- 818- 4430

Segundo semestre de 2000 – Inscrições: De 03 a 07 de julho e de 24 a 28 de julho
Exame de Seleção : Dia 01 / 08 / 2000

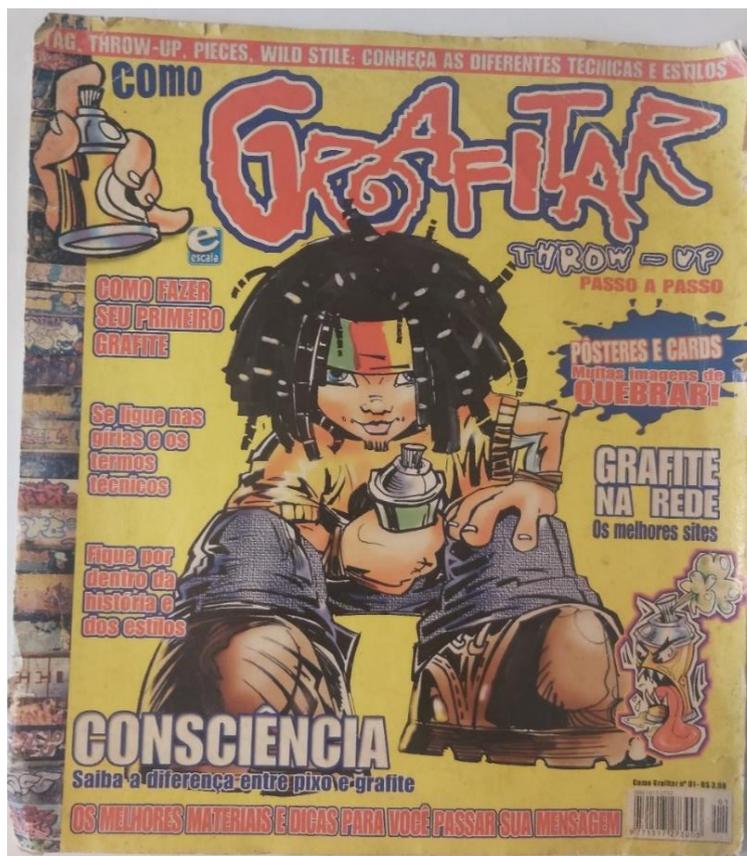
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária
CEP 05508-900 - São Paulo - SP - Brasil
Tel. (011) 818-4433 e 818-4237
Fax (011) 818-4754

Fonte: Acervo de José Minerini Neto.

Eu já vinha me interessando pela Abordagem Triangular e confesso que não me lembro desde quando. Lembro-me de ter lido entre 1992 e 1993 “A imagem no ensino da Arte”, em sua primeira edição, o que me trouxe novos horizontes e inquietações sobre o ensino e a aprendizagem da arte. Por outro lado, fui motivado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que se apropriaram dessa Abordagem, retitulando o contexto, a leitura e o fazer artístico.

À época, na escola em que eu trabalhava, as aulas eram de desenho geométrico e com projetos artísticos, dentre os quais me lembro de produzir videoclipe, quando a MTV era o auge da cultura juvenil na televisão, tanto que nos dias em que os alunos apresentavam seus trabalhos - filmados com os poucos e caros recursos que tínhamos – a minha sala de aula ficava lotada de alunos querendo assistir. Na mesma época desenvolvi estêncil e uma grande discussão sobre grafite e pichação, quando a geração de grafiteiros históricos e heroicos oriundos da década de 1980, continuavam em atuação e o circuito das artes já os absorvia e apresentava em mostras, como a Bienal de São Paulo, porém, poucos eram os referenciais teóricos e contextuais disponíveis, tanto que a única bibliografia que tive acesso foi uma revista, a qual reproduzo a capa a seguir (Figura 6).

Figura 6 — Capa da revista *Como Grafitar*



Fonte: Acervo de José Minerini Neto.

Continuo como professor dessa mesma escola, que fica em plena Avenida Paulista, onde sempre tive contato com a cultura urbana que por ali passa, caso da arte urbana e das emissoras de televisão que ficam no mesmo prédio dessa escola, assim como emissoras de rádio, que resultaram em atividades de rádio novela e de estudos audiovisuais nas minhas aulas de então.

A leitura das imagens era pautada de modo intuitivo nas propostas do professor Antonio Costella, presentes no livro *Para Apreciar a Arte: roteiro didático*, no qual ele indica dez pontos de vista para apreciar em uma obra de arte: pontos de vista factual, expressional, técnico, convencional, estilístico atualizado, institucional, comercial, neo-factual e estético.

Ao ingressar no curso de aperfeiçoamento é que a Abordagem Triangular se estabeleceu em minha prática artística e no material didático que estava escrevendo, pautado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9394 de 1996 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, que pôs fim no ensino do desenho geométrico em minhas aulas e que, desde então, passaram a ser integralmente dedicadas às artes.

Uma conversa entre Ana Amália e José Minerini mediada por Beatriz Correa

Beatriz Correa (BC): Quais eram as áreas de formação dos participantes do curso?

Ana Amália (AA): Tinha um da matemática, além dos de psicologia e de letras.

José Minerini (JM): Tinha também um aluno formado em economia, Márcio Molfi, que trabalhava, e trabalha ainda hoje, no mercado de Arte, sobretudo com antiguidades, além de nós, formados em artes e alguns exercendo a função de coordenadores pedagógicos, tanto na rede pública quanto na privada.

BC: O programa do curso era o mesmo com todas as turmas ou era sempre atualizado?

AA: Era sempre atualizado.

JM: Ana Amália se refere ao programa do Curso de Aperfeiçoamento, que teve mais turmas e com variação de alguns professores, como Sofia Fan, substituindo Carlos Fernando; e Moa Simplício, substituindo Ana Amália enquanto esteve em licença maternidade. A minha turma foi a primeira e tivemos o programa fundador desse curso, que eram os três eixos da Abordagem Triangular sob orientação direta de Ana Mae Barbosa.

Eu e minha turma fizemos mais três cursos além desse, todos partindo de propostas feitas por nós mesmos, os alunos, daí ser entendido como a aplicação da pedagogia da autonomia de Paulo Freire junto à Abordagem Triangular. Foi, Bia, uma experiência marcante para mim e para os demais alunos, dos quais muitos somos amigos até hoje: Anita, Marcia, Luciana, Marcio, Adonay, Silvia etc.

BC: Como o curso era divulgado e como você, Neto, chegou até ele?

JM: O coordenador pedagógico do colégio em que trabalho, e onde estou até hoje, recebeu a divulgação desse curso, se não engano via fax, que ele não soube dizer quem enviou. Ciente de meu interesse em atualizar meu trabalho no ensino da arte, enviou essa divulgação para mim.

Até então eu conhecia Ana Amália pelo nome e por uma atividade de leitura comparativa de imagens, feita por ela, no período da graduação, e que está publicada por Ana Mae no livro *A imagem no Ensino da Arte*. Trata-se da leitura comparativa entre *A grande onda*, de Hokusai e *A noite estrelada*, de Van Gogh, que, até onde me lembro, foi um acaso resultado de sobreposição dos slides dessas imagens.

Ao chegar no local do curso para a primeira aula eu nunca havia visto, nem Ana Amália e nem Ana Mae. Conheci, semanas antes, Rejane Coutinho, a secretária

do NACE-NUPAE, porque foram elas que aplicaram a prova de seleção para ingressar no curso.

AA: Zélia Fernandes foi minha aluna de gravura na Licenciatura em Arte, na Faculdades Integradas de Guarulhos – FIG.

JM: Bia, sabendo do interesse de Ana Amália em gravura *ukio-e*, não tardei em perguntar se ela tinha livros sobre esse tema, pois gostaria de conhecer mais sobre o assunto. Ela disse que sim, me emprestou dois ou três livros de encadernação luxuosa sob a ameaça de que esses livros deveriam retornar para ela em uma semana e em mãos, tamanho era o apreço que ela tinha por esses livros, que sumiram depois que ela se mudou para o apartamento de seus pais por conta do AVC que sofreu. Brinco até hoje com ela sobre isso: “Ah se eu não tivesse devolvido esses livros para vocês, Ana Amália. Estariam a salvo e hoje contigo”.

BC: No corredor ao lado do quarto de Ana Amália tem vários livros sobre essas gravuras e arte japonesa. Faz anos que não são mexidos, preciso pegá-los e mostrar para Ana Amália ver se algum dos dados por perdidos estão no meio.

BC: Qual a aula mais marcante para cada um de vocês?

AA: Eu sempre lembro de uma entrevista com Tomie Ohtake e da aula do Miró Mondrian.

JM: É a aula com a poesia de João Cabral de Melo Neto, dedicada a Miró?

AA: Sim.

JM: Eu me lembro de participar das discussões sobre essa aula, mas não me lembro de ter feito o trabalho. Tenho comigo a pasta com quase tudo que fiz nesse curso e esse trabalho não está. Tenho a impressão, Ana Amália que, ou faltei, ou cheguei depois de sua aula nesse dia, pois além de dar aulas, eu estava também escrevendo material pedagógico sobre arte para o colégio em que trabalho e colaborando com a montagem da Mostra do Redescobrimto, onde fui assistente de Waltercio Caldas, na instalação que ele apresentou, intitulada *Ping-Ping*, além

de ajudar a montar os módulos Imagens do Inconsciente, com Daniela Thomas; e Barroco, com Bia Lessa. Nunca fui de faltar em nenhum dos cursos que fiz e faço, no máximo chego atrasado, ou tenho algum compromisso profissional que coincide com meus estudos, o que deve ter acontecido no dia dessa aula. Confesso que não me lembro.

AA: Pelo que me lembro você não estava nessa aula.

JM: Pois é. E é justamente uma aula que volta e meia aparece em nossas conversas e nos livros que escrevemos juntos, inclusive um sobre Arte/Educação para Licenciatura em Pedagogia, que finalizamos há pouco mais de um mês.

BC: E qual é a sua aula marcante?

JM: Não sei dizer. Eu estava tão motivado e queria absorver o máximo, de todos os professores. Tanto que eu fazia muitas perguntas para os três.

AA: Foi por isso que eu inventei o “tá tá tá”, para não falar ‘cala a boca’ para você (risos).

JM: É verdade (muitos risos). Além da conversa com Tomie Ohtake, em exposição dela no Paço das Artes, publicada por Ana Mae Barbosa no livro *Mulheres não devem ficar em silêncio*, visitamos a Mostra do Redescobrimto, mas não lembro se foi no primeiro, o ou no segundo semestre de 2000. O que me lembro é que chegamos em frente ao Manto de Anunciação, de Arthur Bispo do Rosário, no módulo Imagens do Inconsciente — com o qual eu estava plenamente familiarizado por ter participado da montagem — e disparei a reclamar que era um absurdo o artista ter sido sepultado sem o manto que ele fez justamente para se encontrar com Deus, que é considerado a sua obra-prima. Foi então que Ana Amália disparou: ‘tá tá tá’. Quem estava ao redor e não era aluno olhou para nós como se dissesse: Ela elegantemente mandou ele (sic) calar a boca (mais risos). Desde então, isso virou uma piada, mas também um código de comunicação entre Ana Amália e eu: quando um dispara a falar o outro logo solta: ‘tá tá tá’. Que coisa boa! Ana Amália, a gente vem trabalhando bastante juntos, mas sei que também

nos divertimos muito nessas parcerias, que já vão para lá de 20 anos, desde que nos encontramos em 2000 no NACE-NUPAE. Eu diria que uma das marcas de nossa relação é a seriedade em relação à Arte/Educação, mas com muito humor. Qualquer dia precisamos contar todas essas histórias muito engraçadas. Se chamarmos, então, outros alunos no NACE-NUPAE, e outros membros do AEP, vai faltar fôlego de tanto que vamos rir.

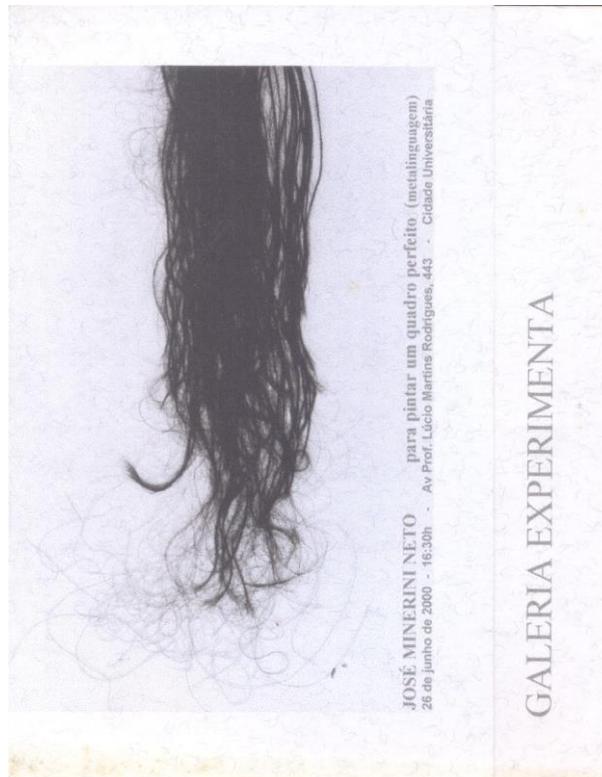
BC: Havia um trabalho final ou de conclusão de curso englobando as três disciplinas?

AA: Eu não lembro, mas acho que era sempre e o tempo todo.

JM: Trabalho final, com as três disciplinas, não houve. Ana Amália propôs uma exposição com trabalhos feitos exclusivamente para esse fim, como resultado das aulas dela. Rejane pediu uma pesquisa sobre mediação, a qual fiz com Marcio, Leda e Tânia sobre proposta de Arte/Educação em galerias de arte. Junto ao relatório dessa pesquisa eu fiz uma exposição no NACE-NUPAE denominada *Para pintar um quadro perfeito (metalinguagem)*, no qual apresentei pinceis com diferentes comprimentos e diferentes texturas referentes a cabelo humano (Figuras 7 e 8). Foi então que conduzimos visitas com os professores e demais alunos da turma nessa exposição. Com Carlos Fernando não me lembro de haver trabalho final, pois ele teve alguns problemas no decorrer do curso e encerrou com reposição de aulas.

A exposição de Ana Amália também teve a leitura dos trabalhos feita por cada um dos alunos. Tanto o trabalho final de Rejane quanto o de Ana Amália articulavam o 'fazer', o 'ler' e o 'contextualizar' arte, os três eixos da Abordagem Triangular, que estavam presentes, o tempo todo do curso, como Ana Amália bem disse.

Figura 7 — Folder da exposição *Para pintar um quadro perfeito (metalinguagem)*, José Minerini Neto



Fonte: Acervo de José Minerini Neto.

Figura 8 — Um dos pincéis que integraram a exposição *Para pintar um quadro perfeito (metalinguagem)* José Minerini Neto



Fonte: Acervo de José Minerini Neto.

BC: Havia visitas externas, com os alunos do curso? Qual a mais marcante?

AA: Neto, foi com sua turma que fomos à Bienal?

JM: Fomos na Mostra dos 500 anos, nos módulos que estavam no Pavilhão da Bienal, além da exposição de Tomie Ohtake, que já citamos. Lembro-me também de irmos à Pinacoteca do Estado, com Rejane, mas não me lembro em qual dos quatro cursos que fiz. O que me lembro é que você coordenava o programa educativo da exposição do Castelo Rá Tim Bum, no SESC Belenzinho, junto a Maria Christina Rizzi e Cildo Oliveira. Você convidou todos nós para irmos até lá conhecer o trabalho de Arte/Educação em exposições. Eu fui. Mais alguém foi?

AA: Não.

JM: Como eu falei, eu queria absorver o máximo de tudo que vocês propunham. Tudo o que falavam em aula eu ia atrás. Aliás, tudo que você, Rejane e Ana Mae falam até hoje eu vou atrás. Me pergunto, Ana Amália, se foi essa minha ida à exposição de Rá Tim Bum que te levou a me convidar para participar da fundação do AEP.

AA: Na verdade foi porque você perguntava muito.

JM: (Risos). Essa é uma de minhas marcas. Hoje sei que a pedagogia do questionamento é intrínseca à Abordagem Triangular, pois Paulo Freire colocou o questionamento como contrário à educação bancária e que o eixo 'leitura', da Abordagem Triangular - na verdade todos os eixos da Abordagem -, implicam em perguntas, pois arte é muito mais 'pergunta' do que 'resposta'. Você concorda?

AA: Sim.

BC: Os trabalhos da disciplina reverberaram na criação das oficinas do AEP?

AA: Depende, porque tinha as Oficinas de Criação, que não tinham nada a ver com nada.

JM: É verdade. Elas aconteciam no CCBB aos fins de semana e foi motivo de muita discussão entre eu (sic) e você.

AA: Discussão? Era briga mesmo!

JM: É verdade! Acho que essa foi a nossa maior briga até hoje, porque, para cada exposição, nós desenvolvíamos cursos de formação para os educadores, propostas de visita e de oficinas a partir do contexto de cada exposição e eu não entendida por que você aceitava atividades descontextualizadas nas Oficinas de Criação. Hoje sei que cada uma era contextualizada em si mesma. Se houve reverberação das disciplinas do NACE-NUPAE, no AEP, foi justamente a importância dada a relacionar as oficinas aos contextos das exposições e respectivas leituras.

AA: Tinha que reverberar porque a coordenação do AEP era das três. Eu, na coordenação geral; Rejane, na formação dos educadores e Sofia, na produção.

BC: Com os alunos vindos de tantas áreas diferentes vocês acham que alcançaram o objetivo de desenvolver uma poética pessoal?

JM: Ana Amália, essa resposta é sua, por ser uma das professoras.

AA: Acho que, dentro da possibilidade de cada um, sim. Eu não exigia que todos os alunos fossem iguais.

JM: Se eu desenvolvi uma poética pessoal eu não sei. Fui estudar arte para ser professor de arte, e não artista. Esse curso e a experiência em ser aluno do 'fazer artístico', com Ana Amália, me trouxe a consciência sobre a importância do respeito aos processos poéticos e artísticos de cada um dos meus alunos, que é o que ela fez em suas aulas. Além disso, foi no decorrer desses anos de NACE-NUPAE que fiz algumas exposições com trabalhos que resultaram das aulas com Ana Amália, ou delas se desdobraram.

BC: Os participantes do curso já chegavam familiarizados com a Abordagem Triangular? Havia questionamentos com relação à proposta?

AA: Acho que, quem se interessava pelo curso, já tinha ouvido falar da Abordagem Triangular, mas não conhecia muito bem.

JM: Ou talvez conhecesse do modo como estava publicada no livro *A imagem do Ensino da Arte*, de 1991, e que até então não havia sido revista pela própria Ana Mae Barbosa. A revisão foi publicada em 1998, no livro *Tópicos Utópicos*, que estava na bibliografia desse curso e que foi discutido em aula tanto com você, quanto com Rejane.

BC: O curso foi aplicado próximo aos 10 anos da publicação da Abordagem Triangular. Nesses 20 anos passados desde então, como a Abordagem Triangular se desdobrou e ressoa nas suas vivências pessoais e profissionais?

AA: Como sempre digo, para mim, a Abordagem Triangular sempre existiu, ela tem muito mais de 30 anos. Está mais para 60 anos, que é a idade do meu irmão, o poeta e professor Frederico Barbosa, que foi a primeira cobaia da minha mãe. Então eu não sei dizer quando a Abordagem Triangular entrou na minha vida. Ela sempre esteve lá!

JM: Em 24 de maio de 2022 a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP outorgou o título de professora emérita para Ana Mae Barbosa. Por conta disso eu escrevi um texto que me foi encomendado pelo Setor de Eventos da ECA, para a ocasião, no qual faço a minha revisão sobre a presença da Abordagem Triangular, e dos cursos de pós-graduação que cursei, e que se iniciaram no NACE-NUPAE, em 2000. Por ser inédito, publico-o na íntegra abaixo:

Homenagem à Professora Emérita Ana Mae Barbosa

Ana Mae Barbosa é aquele tipo de pessoa que entra na nossa vida sem sabermos muito bem quando e onde aconteceu. O que ela faz pela arte e pela educação é tão grandioso que não sei mais quando foi ao certo que soube dela pela primeira vez.

O que me lembro muito bem foi quando li seu primeiro livro. Um marco em minha vida, algo profundamente transformador, não só para a compreensão do ensino pós-moderno da arte, mas, também, sobre leituras de vida e de mundo.

Isso se deu em meados da década de 1990, com o livro *A imagem no ensino da arte*, que li inteiro, em pouco mais de uma tarde, em meio a latas de tinta, pois estava eu pintando algumas paredes de meu apartamento. Pintar, revestir e mexer nas paredes de onde moro é hábito meu até hoje. Naquela ocasião, resolvi parar um pouco de pintar paredes e fui a uma livraria na Avenida Paulista, sem interesse específico, até que me deparei com esse livro de Ana Mae.

Assim, a Abordagem Triangular mudou também o modo como trabalhava a arte em minhas aulas, passando a me ver como Arte/Educador, e não mais como Professor de Educação Artística, então com alguns anos de experiência na educação básica.

Junto a isso veio o interesse em saber mais sobre Arte/Educação, o que me levou a estudar no Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão da Arte na Educação NACE-NUPAE, da ECA/USP. Cheguei para cursar seis meses e fiquei por dois anos, alimentando em mim o interesse por pesquisa, o que me levou à pós-graduação. Primeiro o mestrado, no Programa de Pós-Graduação Inter unidades em Estética e História da Arte da USP e, depois, o doutorado na ECA/USP, sob orientação de Ana Mae, para escrever a história da educação na Bienal de Arte de São Paulo.

Ser orientando de Ana Mae foi tão transformador quanto ler seu primeiro livro. Ser orientando de Ana Mae é ter estímulo para o prazer da descoberta, da construção do conhecimento. Nesse caso, mediado pelo mundo, como diria Paulo Freire, e que Ana Mae ouviu e amplificou. Ser orientando de Ana Mae é explorar mundos e conhecimentos com autonomia, como diria própria Ana Mae, aplicando a pedagogia de Paulo Freire. Ser orientando de Ana Mae é ser ativamente livre perante a arte, a educação, o mundo e a vida. E isso encanta! Maravilha! Muda o mundo.

Gosto muito de pensar que esses encontros não só com Ana Mae, mas com sua filha, Ana Amália, e sua neta, Ana Lia, são como conversas na cozinha. daquelas que se faz no mais íntimo convívio, onde ideias brotam e fermentam, onde a alquimia acontece. Isso porque de cozinha – salvo o bate-papo fecundo – nada entendo. Entrar no espaço onde Ana Mae mora é uma experiência estética completa: obras de arte e livros por todos os lados, sem hierarquias entre popular e erudito, entre arte e educação, entre alta e baixa cultura. Tudo é tratado em pé de igualdade e só quem já passou pelas aulas de Ana Mae, por sua orientação em pós-graduação, pelo trabalho dialógico priorizado por ela, se materializa de diversos modos, inclusive no lugar onde vive e que não só eu, mas muitos (e bota muitos nisso), já foram por ela recebidos para conversar, ser orientado, trocar, atualizar informações sobre os circuitos artísticos e educacionais, tudo como se fosse conversa na cozinha, ou, em outras palavras: *happenings* com arte, educação e Ana Mae.

Digo isso pela abertura que está na base das compreensões de arte e de educação em tudo que já foi escrito, dito ou conversado com Ana Mae Barbosa. Esse prestígio emérito mudou inúmeros paradigmas no ensino da arte no Brasil, e também em mim, pois minhas compreensões sobre o outro; sobre pós-modernidade e pós-colonialismo; leitura, contextualização e fazer artístico; sobre diversidade, feminismo, cultura visual; des e decolonialidade; ecologia do conhecimento; história, memória e pesquisa; foram, e continuam a ser, eixos estruturantes para os trabalhos que faço como Arte/Educador do Ensino Fundamental; dos artigos e livros que escrevo; das aulas e palestras que preparo; das exposições que organizo; das visitas a museus que conduzo... Enfim... nos quais, e de modo explícito, está o que Ana Mae Barbosa me apresenta, dialoga e ensina.

Desde quando? Não faço a menor ideia!

José Minerini Neto

São Paulo, outono de 2022

Adendo: Tudo isso começou a se materializar e minha vida a partir das aulas no NACE-NUPAE e do contato com os professores do curso de aperfeiçoamento, nos quais Ana Amália fez parte. E, desde então, passou a fazer parte de minha história, pois coube a você, Ana Amália experienciar e solidificar a Abordagem Triangular em meu trabalho em arte e educação e em meu modo de estar no mundo.

BC: Ana Amália e Minerini, muito obrigado por este relato. Foi muito gratificante!

JM: Obrigados nós!

Notas

- ¹ Nota dos autores: Ana Mae Barbosa aprimorou a denominação do ensino e da aprendizagem triangular da arte algumas vezes. De início a chamou como Metodologia Triangular Pós-Colonialista para o Ensino e a Aprendizagem da Arte; a seguir, mudou para Proposta Triangular para o Ensino e a Aprendizagem da Arte; quando escrevemos este artigo, Ana Mae denomina Abordagem Triangular para o Ensino e a Aprendizagem da Arte.
- ² Os cursos são: 1º semestre de 2000 - Aperfeiçoamento em Aprendizagem da Arte e Cultura Contemporânea (180 horas); 2º semestre de 2000 - Aperfeiçoamento em Ensino da Arte Produção e Contexto (180 horas); 1º semestre de 2001- Ensino da Arte Produção e Contexto (versão 2 - 74 horas); 2º semestre de 2001 - Ensino da Arte Produção e Pesquisa (64 horas).

Referências

- BARBOSA, Ana Amália. Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 143 – 149.
- BARBOSA, Ana Mae. Entrevista à Agência Repórter Social, 2005. In: COSTA, Fábio José Rodrigues da. *Didáctica de las artes visuales: una proposición postmoderna*. Sevilla: Universidad de Sevilla: Facultad de Ciencias de la Educación, Departamento de Didáctica de la Expresión Musical, Plástica y Corporal, 2007. (Inédito, trad. dos autores).
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ESTUDANTES do NACE-NUPAE de 2000. Tomie Ohtake: conversando com os Arte/Educadores. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação*. São Paulo: Cortez, 2019, p. 405-419.
- COSTELLA, Antonio. *Para apreciar a Arte: roteiro didático*. São Paulo: Senac, 2017.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURENZI, Hercílio (ed.). *Como grafitar*. São Paulo: Editora Escala, nº 1, s/d.

MAIURI, Tânia Paiva Navarro; MINERINI NETO, José; MOLFI, José Márcio Viezzi e PONCIANO, Leda Maria do Nascimento. *Proposta de arte-educação em galerias de arte*. São Paulo: NACE-NUPAE, ECA/USP, 2000 (inédito).

MINERINI NETO, José. Abordagens triangulares: reflexões sobre a aprendizagem triangular da arte. In: AZEVEDO, Fernando Gonçalves de e CUNHA, Fernanda Pereira da (org.). *Revista GEARTE: Abordagem Triangular: territórios e perspectivas arte/educativas*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017, v. 4 nº 2, p. 258 - 268. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/71899>. Acesso em: 30 mai.2022.

NACE-NUPAE. *Relatório das atividades do NACE-NUPAE – ECA-USP biênio: 1999-2001*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes: Pró-reitoria da cultura extensão universitária – Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação, 2001, p. 10 (inédito).

NACE-NUPAE. *Programa do curso de aperfeiçoamento “Aprendizagem da Arte e Cultura Contemporânea”*: Ementa/Disciplinas. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, NACE-NUPAE, 2000, sem paginação.

NAKASHATO, Guilherme. *Das estradas e dos desvios: o Curso de Especialização em Arte/Educação da ECA/USP* (tese de doutorado). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-07072017-144537/pt-br.php>. Acesso em: 23 mai.2022.

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1999. pp. 113–141.

PARSONS, Michael J. *Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do pondo de vista do desenvolvimento cognitivo*. Lisboa: Presença 1992.

José Minerini Neto

É Doutor em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), com residência no Teachers College/Columbia University, em Nova York, e Mestre em Estética e História da Arte pela ECA/USP, com Licenciatura Plena em Educação Artística pelo Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, UNAR. É coordenador, professor e autor de material educativo nas áreas de Arte e Educação. Desenvolve pesquisas sobre a História da Arte Moderna e Contemporânea; Arte e Política e História do Ensino da Arte. Trabalha, também, com formação de equipes educacionais para museus e instituições culturais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9190-6307>

E-mail: jminerini@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6031242208088301>

Ana Amália Tavares Bastos Barbosa

É artista plástica e arte/educadora formada pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP/SP), em 1991. Também estudou História da Arte, na Texas University at Austin; Design, na School of Visual Arts e Litografia, na Columbia University, em New York/USA. Fundou a empresa AEP -

Arteeducação Produções, em 2001. É Mestre (2003) e Doutora (2012) em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e concluiu Pós-Doutorado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/SP), em 2017. Em 2 de julho de 2002 teve um acidente vascular cerebral de tronco e, como seqüela, adquiriu a síndrome do *locked in*, ou seja, ficou tetraplégica, muda e disfágica, mas inteiramente consciente e com a cognição plenamente preservada.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7848-8550>

E-mail: aatbbl@gmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9140964099490664>

Beatriz Ribeiro Correa

É graduada em Artes Visuais pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU, 2018) com ênfase em Arte/Educação. Membro do coletivo A Ovelha desde 2017, realiza pesquisa nas áreas de História do ensino da Arte, Performance e Experimentação Cênica e História da Arte e da Cultura, com interesse por Moda e diferentes formas de criação e expressão visual.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5581-3135>

E-mail: beatriz_correa2@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8108837375776080>

Recebido em 2 de junho de 2022

Aceito em 30 de junho de 2022

